

DIALOGICIDADE E UNIDADE TEMÁTICA DE APRENDIZAGEM: PRESENCIALIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Curitiba 052009

Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo
Universidade Tuiuti do Paraná
iolanda@boaaula.com.br

C - Métodos e Tecnologias

3 - Educação Universitária

C - Modelos de Planejamento

2 - Experiência Inovadora

Resumo

Este artigo busca apresentar a dialogicidade como fator fundamental na Educação não presencial. Define dialogicidade a partir da literatura européia, em especial a italiana e a francesa, que considera a experiência educacional apoiada na interação social e cognitiva com o aluno, e entre alunos, tendo por objetivo a aprendizagem. Essa experiência implica agilidade, flexibilidade, orientação, divergência e convergência de idéias e compartilhamento de experiências. A dialogicidade não acontece apenas entre alunos e professor, mas entre professores para construírem uma Unidade Temática de Aprendizagem, trabalhando suas disciplinas em torno de um eixo comum. A inovação se manifesta na organização da experiência educativa não presencial, nos princípios fundamentais da Educação e na forma como essa experiência é trabalhada.

Palavras Chave: Educação a Distância; Dialogicidade; Unidade Temática; Aprendizagem.

Introdução

As rápidas mudanças nas tecnologias de informação e de comunicação e a convergência dos meios de comunicação criaram novos contextos, uma nova cultura global que se contrapõe à cultura local. A educação que se caracterizava como função de um sistema formal rígido, normatizado, centralizado e presencial recebe influências imediatas dessas transformações numa velocidade maior do que a possibilidade de reflexão e ação daqueles que determinam as diretrizes no âmbito do país, da província (Estado), da cidade (Município). Isso provoca uma resistência que se divide em dois pólos: a) os acomodados que não acompanham porque a inovação exige trabalho, comprometimento, compromisso e colaboração; e b) os conservadores que resistem à mudança para não perderem o poder ou o status de competência, visto que desconhecem o novo. Tanto uns quanto outros não se dispõem a se informar, a conhecer e a se capacitar para o novo contexto.

Por outro lado, há os “inovadores” que se encantam com a novidade sem projetar os impactos que a inovação pode trazer para a sociedade e para o contexto local. Assumem a defesa e lançam-se à inovação nem sempre de forma organizada e integrada às formas tradicionais, como se ela pudesse substituir o existente, cumprindo o que este já cumpria. No caso da educação, propõem práticas operativas independentes da definição de novos conceitos e da redefinição ou da consolidação dos que embasam a educação corrente.

Concordamos com Massaro [1] quando afirma que o *e-learning* representa uma das possíveis evoluções das tecnologias de informação, “um instrumento, mas ao mesmo tempo um novo contexto, por meio e ao interior do qual a transmissão e a aprendizagem de novos conteúdos podem acontecer”. Ressalta, ainda, que as tecnologias de informação e de comunicação redefinem os conceitos de aprender a aprender, de compartilhar, de colaborar; que não se trata de substituir o que existe, mas de melhorar a prática existente, modernizando-a com as tecnologias de informação.

Não basta, porém, apenas modernizar a educação, é fundamental a inovação que potencializa os princípios fundamentais da educação:

Resgate dos Princípios Educacionais

Que princípios são esses? Aproveitamos a explicação feita no livro de nossa autoria, *Prática Pedagógica, Aprendizagem e Avaliação na Educação a Distância* para apresentar três desses princípios para aí continuarmos nossas reflexões a respeito da dialogicidade como elemento fundamental na EAD.

“A ação educativa, seja a ação docente (do professor), seja a ação do discente (do aluno, do aprendiz) se transformou e no decorrer do século XX, muda de uma comunicação monologal do professor ativo transmitindo um conhecimento pronto inquestionável para um aluno que se comportava como receptor passivo, para uma ação comunicativa bi e multi direcional de alunos inquietos e questionadores. Mas essa comunicação é aparentemente dialogal. Muitos alunos não sabem o que questionam e porque questionam, mas como podem conhecer por outros meios, manifestam quando não estão satisfeitos com o que lhes apresentam. Para muitos professores, essa atitude é indisciplina. Para nós, os alunos estão comunicando ao professor que querem participar da ação educativa como interlocutores, construtores e comunicadores. Muitos professores, não se dão conta da mudança que ocorre e mascaram a prática pedagógica com atividades “cooperativas”, competitivas que carregam certa interatividade, mas o processo continua a ser definido, planejado, organizado, pelo professor.

Como já escrevemos em outro texto, a ação educativa comunicativa é ativa, criativa e, se adequadamente trabalhada pelo professor, desencadeia a prática do aluno pró-ativo e pesquisador.

A colaboração é outro princípio educativo e requer que o indivíduo, neste caso, o aluno, compartilhe saberes e experiências tanto para aprender, como para praticar suas habilidades e competências com os outros para reelaborarem o conhecimento existente ou produzirem novos conhecimentos. Cortelazzo [2], em sua tese, inicia seu capítulo sobre colaboração afirmando que a “colaboração é a base de uma parceria sólida e produtiva, e ambas são essenciais para a realização de um projeto onde se espera uma construção conjunta em qualquer atividade humana. Assim, na educação escolar, a colaboração também é fundamental, e deve estar

presente na parceria entre professores, entre professores e alunos e entre alunos e alunos.

Para uma efetiva construção da colaboração, necessita-se a integração da presença social e da presença cognitiva pelas quais, alunos e professores relacionam-se como indivíduos uns com os outros, em uma comunicação aberta. Nesse tipo de interação, a expressão emocional e a coesão do grupo, integradas ao compartilhamento de idéias e ao debate, permitem a construção de novas idéias, conforme indicado por Battezzatti. A autora declara que a “presença social se constitui em importante apoio para a presença cognitiva, em atividades de aprendizagem colaborativa, ocupando papel de facilitadora indireta do processo de pensamento crítico, na medida em que os participantes do grupo sintam suas interações divertidas e significativas em termos de resultado.

Essa autora afirma que “o professor, ao mediar a definição de tópicos, construir um conjunto de significados, e orientar a integração da presença social e cognitiva no processo educacional formal, manifesta sua presença pedagógica. Na educação a distância, a questão que a determina se refere a tempo e espaço; assim, essa colaboração entre professor e alunos, entre professores e entre alunos é essencial.

Tão importante quanto os outros princípios educativos, a acessibilidade estruturada e sistemática ao conhecimento é um direito que o aluno tem no processo escolar formal embora nem sempre esse princípio seja encontrado na educação. Ao se planejar a infra-estrutura para a oferta de um programa educacional, inclusive a plataforma tecnológica que possibilitará ao aluno mais do que o acesso ao conhecimento, e a possibilidade do diálogo, da interação social comunicativa, a questão de acessibilidade precisa ser dimensionada para que os materiais sejam pedagogicamente acessíveis aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos, e dimensionados em relação aos limites que os alunos apresentam. A acessibilidade precisa ser também considerada em relação à qualidade dos serviços de atendimento e de manutenção não importa a modalidade da educação. Os serviços de biblioteca e de acesso a acervo de livros e outros materiais de aprendizagem precisam estar disponíveis para que os alunos

os usem efetivamente. Os serviços de telecomunicação fazem parte desse aparato tecnológico virtual colocado à sua disposição

Não poderíamos deixar de tratar aqui de outro princípio educativo, pouco lembrado, nos livros educacionais e nos projetos políticos pedagógicos dos cursos de Educação Superior, o princípio de equidade (fig. 1) que se refere às possibilidades igualitárias no contexto educacional.

Em que dimensões a equidade é considerada neste texto?

A equidade é considerada em relação às dimensões educacional, sócio-econômica, gênero, raça, entre outras. Para uma educação a distância democrática há que se considerar uma educação de qualidade que seja eficaz e que busque a superação das condições de desigualdade ou pelo menos a moderação dessas condições.

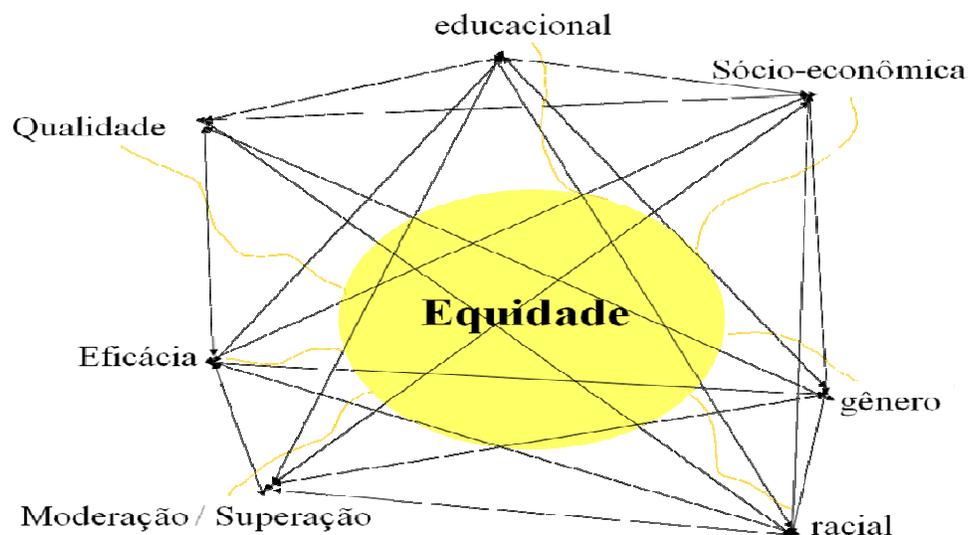


Figura 1 Equidade e suas relações

Fonte: CORTELAZZO [4]

Quando se desenha um curso, sem se preocupar com o público-alvo, definindo-se uma literatura de pouco acesso e professores com pouca vivência de docência, ou, ainda, de uma comunidade invisível inacessível; quando se projeta um curso apoiado em uma tecnologia sofisticada disponível a poucos e manipulável por ainda menos pessoas, com marcante ausência de dialogicidade, dá-se lugar à falta de equidade. Assiste-se, em algumas instituições, o sucesso de alguns cursos, exatamente, porque se projeta um curso que alcança os lugares mais distantes, desprovidos da alta

tecnologia, para alunos com tempo, dinheiro restrito e um desenvolvimento cognitivo sofrível devido às condições educacionais prévias; oferta-se o mesmo curso, porém com orientações e atividades flexíveis que lhes permite superar suas limitações, incrementando suas potencialidades por meio do material dialógico e o acompanhamento tutorial caracterizado pela orientação não pela transmissão. A avaliação, trabalhada nas dimensões processual, formativa e somativa, permite antecipar limites e dificuldades além de projetar ações de acompanhamento e reorganização da ação comunicativa educativa com base nas especificidades das dificuldades dos alunos.

Assim a colaboração, a acessibilidade, e a equidade precisam estar integradas para que a ação educativa se efetive nos cursos de graduação e de pós-graduação e lhe garanta qualidade.

Com certeza, espera-se que um programa de EAD tenha qualidade porque se pensa em educação como um processo que emancipa o cidadão e qualifica o profissional. A colaboração, a acessibilidade e a equidade são princípios que embasam a cidadania e o profissionalismo.

Outros princípios próprios da educação como um todo, mas não aplicados em geral à educação regular, vem sendo retrabalhados pelos programas de EAD no planejamento e no design de novos cursos. Esses princípios são: interação a distância, a interação social e comunicativa intencional, a aprendizagem não-linear, a responsabilidade pela auto-aprendizagem, a auto e a co-avaliação.

Princípios básicos para a dialogicidade em EAD

A interação a distância, a partir da teorização de Moore, se refere à relação que professores e alunos têm no processo de ensino aprendizagem em que estão separados entre si. Moore [5] escreveu: que é “a distância física que conduz a um hiato na comunicação, um espaço psicológico de compreensões errôneas potenciais entre os instrumentos e os alunos que precisa ser suplantado por técnicas específicas de ensino – isso é a Interação a Distância.

Interação e colaboração são diferentes níveis de ações desenvolvidas na educação formal do ponto de vista de comunicação e envolvimento entre os participantes.

Os programas de ensino por correspondência que eram enviados para os alunos pelo correio regular com material impresso ou kits com fitas de áudio ou de vídeo, ou mesmo kits para a confecção de algum aparelho, tinham com o aluno uma comunicação bidirecional no sentido de envio de material e recepção do instrumento de avaliação completo. A mesma relação se repete em relação à radiodifusão e à teleeducação que estão apoiadas em uma abordagem de transmissão unidirecional de conteúdos que deveriam ser devolvidos nos testes de avaliação. Alguns programas têm um início de interação quando colocam à disposição dos alunos a tutoria por telefone ou a tutoria local em centros associados ou pólos de apoio presencial. Nos materiais desenhados como instrução programada, essa interação era apenas do aluno com seu material didático.

Em artigo sobre a formação para a educação *on line*, Cortelazzo [6] explica que as fases de interação, cooperação e colaboração são estágios necessários para o desenvolvimento de usuários das tecnologias de informação e de comunicação competentes tanto no cotidiano educacional, como nos contextos profissional e social. A interação é a ação desenvolvida entre duas ou mais pessoas, que estudam, trabalham, convivem, relacionando-se no mesmo contexto; enquanto a colaboração se constrói na equipe de trabalho, de estudo, de pesquisa, por vontade e consenso dos seus participantes.

A maioria dos cursos a distância do modelo apoiado em tutoria caracteriza-se pela interação. Os alunos interagem com o material didático, lendo o texto e realizando as atividades solicitadas. Interagem com o tutor quando querem reclamar de alguma coisa ou precisam esclarecer suas dúvidas, mas seu estudo é individual.

A interação social comunicativa necessária para a aprendizagem inclui interações entre os diferentes participantes do processo ensino/aprendizagem que na EAD incluem professor, tutor e alunos. Sendo intencional, a interação é necessária para a coesão do grupo, isto é, não acontece ao acaso ou de forma automática; Aproxima-se da colaboração, pois é uma ação desejada, programada e planejada, entre pessoas que estabelecem objetivos comuns, regras de convivência. Caracteriza-se por ser uma comunicação positiva na relação pessoal entre professores

(autores, regentes e tutores) e alunos, de professores entre si e de alunos entre si, podendo formar comunidades de prática e de aprendizagem. Nesse caso, o diálogo tem sentido e significado, em que uns ouvem o que os outros dizem, lhe dão atenção e processam seu significado criando novas comunicações [7]. Moore explica que a interação envolve a explicação, a elaboração ou a simplificação do tutor para com o aluno, dependendo do que o aluno precisa, “para um aluno são feitas analogias e para outros são sugeridas leituras suplementares” [8]. Dessa forma, a interação social comunicativa intencional acontece num dado contexto, num tempo determinado e num espaço definido.

Da Unidade Temática de Aprendizagem e da Dialogicidade

Assim tanto na sociedade quanto no mundo do trabalho, o conhecimento, as habilidades e as atitudes não são vistos de forma segmentada, fragmentada. Da mesma forma, quando falamos em EAD, pensamos em uma organização em Unidades Temáticas de Aprendizagem articuladas a projetos de pesquisa e de intervenção pela dialogicidade.

A dialogicidade de acordo com o que Scurati [10] “se nutre tanto de imprevisibilidade e novidade quanto de previsibilidade e familiaridade, sendo todas necessárias”. O autor ainda afirma que o diálogo necessita de reciprocidade e não acontece se o interlocutor A não der espaço para que o interlocutor B se expresse. É nesse sentido que tratamos da dialogicidade.

A organização de um curso em Unidades Temáticas Significativas permite reunir disciplinas afins de modo que os alunos percebam as suas tangências ou intersecções. Essa percepção é possibilitada pela dialogicidade na organização da Unidade Temática por parte dos professores. A sua especificidade se concretiza a partir da comunicação didática que se realiza entre seus participantes: alunos, tutores, professores-autores, coordenador de curso e coordenadores de EAD.

Ao considerarmos o modelo misto como um modelo que atende aos fundamentos de interação, colaboração, conhecimento, diálogo e autonomia, a estrutura didática da UTA se manifesta nas teleaulas, em atividades supervisionadas, na tutoria e no estudo individual apoiado pelo material didático. Se o modelo trabalhar a videogravação ao invés da teleaula, a estrutura poderá ser a mesma. O essencial é que essas partes componham

uma unidade, articuladas dialogicamente no seu planejamento, na sua implementação, e na sua avaliação.

O conhecimento é organizado e trabalhado ao longo da UTA na interação virtual, na interação dialógica entre o professor e o aluno e entre alunos desde o momento da concepção do material didático que representa o elemento de ligação entre esses integrantes da prática pedagógica; e na interação concreta, entre professor e aluno na teleaula; entre professor e aluno, no momento da tutoria, e entre alunos nas atividades supervisionadas e na produção em equipe dos trabalhos solicitados.

Se houver intenção, envolvimento, interdependência e construção conjunta, a colaboração existe. Para isso acontecer, é necessário que se tenha a orientação inicial de tutores conscientes e comprometidos, e que o aluno seja autônomo, pró-ativo, e interessado.

A dialogicidade é fundamental no processo de comunicação didática assimétrica. O professor autor busca, em seu texto, fazer com que os alunos recorram a conhecimentos anteriores usando uma linguagem compreensível aos alunos, mas não reduzida. Leva os alunos a buscarem informações que se articulem à temática em questão na midiografia recomendada e no contexto em que vive. Propõe atividades para os alunos realizarem em numa comunidade de aprendizagem presencial ou virtual, de modo a ativarem um mapa conceitual já conhecido, ou a construir um novo mapa conceitual coletivamente, a partir de consensos e divergências trabalhados colaborativamente.

A comunicação didática e, portanto, dialógica, implica a construção do conhecimento conjunto. Como afirma Lugarini [9], são necessários “momentos em que se possa atuar seja no diálogo entre pares, seja em uma comunicação dirigida pelo professor, mas realmente aberta à contribuição de todos, com o professor e os alunos que usam em conjunto os mesmos instrumentos e recursos didáticos para a co-construção do conhecimento (objetos, fontes, dados, testes, documentos, apontamentos, esquemas, gráficos, imagens, vídeos, computadores, Internet, etc.).

Considerando que prática pedagógica se dá no diálogo entre professores autores e regentes, professores tutores e alunos, que o professor autor é, em geral, o professor regente da teleaula e que os tutores

acompanham as teleaulas e lêem os materiais didáticos, a interação virtual, ou dialogicidade, é aquela que se dá desde o momento da concepção do livro, dos apoios às aulas, das atividades nos ambientes virtuais de aprendizagem. Implica um diálogo imaginário entre os professores, o aluno e o tutor para a elaboração dos textos (impressos, em áudio, visuais, audiovisuais e hipertextuais – digitais) que os professores apoiados por uma equipe técnica preparam para o aluno. No momento em que os professores planejam, esboçam os seus textos, e se decidem por uma determinada estrutura, a dialogicidade se concretiza. Os professores antecipam dúvidas, criam interrogações, e sugerem possibilidades.

A interação concreta acontece na teleaula com o professor regente, quando ele “olha no olho do aluno”, conversa com ele, indaga suas inquietações, e desafia sua competência. A interação social se concretiza quando o professor regente, ao responder às interações pelo telefone, esclarece questões que não tenham ficado claras, e estimula o debate e a investigação. A tutoria concreta se dá, ainda, na tutoria, quando os alunos levam até seus tutores ou aos seus pares, nas comunidades de aprendizagem, suas dúvidas, seus medos, suas fraquezas, suas descobertas, seus sucessos, suas construções.

Considerações Gerais

Ao se propor aos alunos a realização de atividades de aprendizagem em equipe relacionada ao seu contexto sócio-cultural, o professor autor está orientando dialogicamente a aprendizagem dos alunos. Eles aprendem a se relacionar, a escutar o outro, a levar em consideração o que o outro pensa, a divergir e argumentar, a buscar novas informações para compartilhar com a equipe, a negociar, a se conhecer e a sintetizar. Estas são habilidades necessárias no mundo social e no mundo do trabalho. Essa articulação reforça atitudes e resgata valores que formam profissionais e cidadãos diferenciados. Articulação essa que se configura como uma inovação efetiva na educação. Dialogicidade e Unidade Temática de Aprendizagem não são temáticas novas, mas a abordagem proposta no modelo discutido se pode se configurar como uma inovação.

Referências

- [1] MASSARO, Davide. E-learning alla University of Virginia: il "Toolkit" , In SCURATI, Cesare. *E-Learning / Università*. Esperienze, analisi, proposte. Milano: Vita & Pensiero, 2004.
- [2] CORTELAZZO, I. B. C. *Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação em Educação a Distância*. Curitiba: IBPEX, 2009.
- [3] BATTEZZATI, S. *A aprendizagem colaborativa em fóruns com mediação automatizada: o ambiente Amanda*. Dissertação (Mestrado). Curitiba: PUC PR, 2003.
- [4] CORTELAZZO, I. B. C. *Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação em Educação a Distância*. Curitiba: IBPEX, 2009.
- [5] MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. *Educação a Distância: uma visão sistêmica*. São Paulo: Thomson Learning, 2007
- [6] CORTELAZZO, I. B. C. Formação Docente para a Educação *On Line*. 11^º. Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. 158-TC-C3. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/158tcc3.pdf>
- [7] PETERS, O. Didática da Educação a Distância
- [8] MOORE, M. G. ; KEARSLEY, G. *Educação a Distância: uma visão sistêmica*. São Paulo: Thomson Learning, 2007
- [9] LUGARINI, E. Comunicazione didattica. Scuola & Città. 03/04/2006. Disponível em http://www.roberto-crosio.net/SIS/comunicazione_didattica.htm
- [10] SCURATI, C. *Technique e Significati*: Linee per una nuova didattica formativa. Milano: Vita e Pensiero, 2000.